

# O arrabalde ribeirinho de Mértola e a evolução dos espaços periurbanos da cidade entre a Antiguidade e o período Islâmico

Virgílio Lopes  
Susana Gómez Martínez

---

Nos últimos anos, as escavações de emergência realizadas em Mértola forneceram uma quantidade considerável de informação arqueológica sobre a cidade, especialmente no que diz respeito às áreas exteriores às muralhas. As intervenções na Cerca da Arrochela, na Hospedaria Beira-Rio e no Cine-Teatro Marques Duque (fig. 1) permitiram documentar um arrabalde ribeirinho muito interessante, e com uma ocupação que parece remontar-se à Antiguidade Tardia, prolonga-se pela Idade Média e chega ao período moderno. As intervenções no Cine-Teatro, junto com os acompanhamentos arqueológicos das ruas próximas ao Rossio do Carmo, permitiram, também, obter novas informações sobre a ex-

tensão das necrópoles paleocristã e islâmica, e documentar diversas instalações de carácter industrial entre as quais se destacam vários tanques e um pequeno forno cerâmico de cronologia almóada.

## 1. Intervenção Arqueológica de Emergência

Nos finais de 2002 e inícios de 2003, as obras de repavimentação e de colocação da rede de águas pluviais motivaram intervenções arqueológicas pontuais nas ruas 25 de Abril, da República, Cândido dos Reis e no largo do Rossio do

Carmo.

As conclusões que nesta data se podem retirar destas escavações são ainda provisórias, dado que uma parte significativa dos materiais trazidos à luz do dia se encontra em fase de estudo. No entanto, podem extrair-se algumas informações e conclusões de carácter geral.

As intervenções arqueológicas realizadas foram, na maioria dos casos, parcelares, restringindo-se à largura da vala, o que, em termos da compreensão de estruturas, dá uma informação muito limitada. Assim, os objectivos centrais consistiram em salvaguardar os vestígios de outros tempos, sem impedir a normal prossecução da obra. Tratava-se, como tantas vezes acontece nos cascos históricos, de ler a história que esses vestígios conservaram, de modo a preservar a sua memória, já que, como estruturas, estavam irremediavelmente condenados a desaparecer (fig. 1).

### 1.1. Tanques da Rua 25 de Abril

No fim desta rua foram identificadas estruturas que se estendiam a toda a largura da mesma. Eram constituídas por muros de alvenaria e terra, e tanques em *opus signinum*. Esta técnica construtiva foi muito utilizada na construção de tanques de água e de *cetarias* para o fabrico de *garum* ou para reservatórios de água.

Os tanques (fig. 2 e 3), apenas conservavam o seu fundo e o arranque das paredes, dado que, se encontravam muito próximos da superfície. Depois de escavados, foram retirados para posterior restauro e eventual musealização. Sob os tanques, foi detectada e escavada uma complexa rede de esgotos que, certamente, servia para escoar águas residuais.

É de referir o facto de, nas imediações do tanque (nomeadamente no número 7B da rua Dr. Serrão Martins, quando ali se procedeu à remodelação da casa), ter aparecido uma significativa quantidade de ânforas no subsolo. Na altura, colocámos a hipótese de se tratar de um depósito de ânforas, de um armazém ou, mesmo, de um local de comercialização de vinho e azeite.

Dado que o depósito se encontra na mesma zona, e com os dados disponíveis, colocamos agora a hipótese de se tratar de uma zona fabril, possivelmente ligada à conserva de peixe, pois na altura as espécies piscícolas existentes no rio seriam mais variadas e em maior quantidade e variedade. Haveria, por conseguinte, em Mértola, um aproveitamento dos produtos do rio semelhante ao que se fazia nas zonas do litoral.

### 1.2. O forno da rua 25 de Abril

Durante os trabalhos de pavimentação da rua, a altura do número 14, a abertura de uma estreita vala destinada à instalação do lancil do passeio permitiu a descoberta de vestígios dum pequeno forno de cerâmica de época almóada.

Os trabalhos de acompanhamento de obra detectaram, prati-

camente à superfície, uma camada de barro muito vermelho por efeito do fogo, que constituía o derrube das paredes e da grelha do forno.

Debaixo desta camada, encontraram-se a parte inferior da fornalha e os restos da última utilização do forno, uma fina camada de terra e carvões e fragmentos de cerâmica do fim do domínio islâmico.

O forno tinha sido construído escavando um orifício de planta aproximadamente oval no terreno, que era formado por uma espessa camada de entulho composto por terra e ânforas fragmentadas. As paredes deste orifício foram revestidas com barro e pequenas lajes de xisto formando uma estrutura em forma de “U”, de paredes lisas no interior e levemente inclinadas.

Os fragmentos da estrutura do forno encontrados na camada de destruição do mesmo permitem concluir que o forno era muito pequeno e composto de duas câmaras: a inferior ou fornalha, da qual ainda se conservavam vestígios *in situ*, e a superior ou de cozedura, separadas por uma grelha. Alguns fragmentos desta grelha, construída com tijolos e argila, apresentavam orifícios de forma cilíndrica (fig. 5).

Entre os materiais encontrados nos contextos associados ao forno, destaca-se a presença de fragmentos de várias cântaras de gargalo cilíndrico, e corpo ovóide fabricadas com pastas vermelhas, e decoradas com pintura branca e cordões digitados. Também foram encontrados fragmentos dum alguidar de corpo troncocónico invertido brunido no seu interior, e dum alguidar tripode (fig. 6).

Esta descoberta veio identificar, pela primeira vez, estruturas relacionadas com o fabrico de cerâmica em Mértola e confirmar as suspeitas da existência de uma produção local de cerâmica comum. Embora uma grande parte dos objectos cerâmicos de maior qualidade e valor decorativo chegassem por via fluvial dos mais variados portos do al-Ándalus, a maior parte da cerâmica corrente seria fabricada em oficinas locais ou regionais.

## 2. Cerca da Arrochela

As escavações arqueológicas levadas a cabo neste local tiveram como objectivos aferir a existência de estruturas fora de portas, fora do recinto amuralhado.

Os dados disponíveis até ao momento apontam-nos para uma ocupação deste espaço em distintos momentos: os vestígios mais antigos reportam-se a estruturas e materiais do período romano, um segundo nível de ocupação enquadra-se no período islâmico com restos de habitações e fossas. A última ocupação parece relacionar-se com estruturas de época moderna e/ou contemporânea constituídas por dois tanques quadrangulares. O facto de, nas imediações, se terem encontrados restos de mós faz supor tratar-se de depósitos para cereal ou farinha.

Em fotografias de finais do século XIX (Boiça, 1998: 28-29) é visível neste espaço um campo de cultivo cercado, daí a toponímia ao sítio Cerca da Arrochela. Esta lógica de espaço

de cultivo foi quebrada por volta de 1930, quando se abriu a estrada e se construiu o cais. Estas obras vieram a destruir parte das estruturas arqueológicas existentes no subsolo.

As escavações arqueológicas foram iniciadas em 1992, tendo apenas sido possível a abertura em área de uma pequena parcela deste local onde o solo encerra parte da história do arrabalde de Mértola.

Os trabalhos arqueológicos realizados até ao momento vieram confirmar a ocupação deste espaço, pelo menos, desde os séculos I e II da nossa era até ao período moderno. No entanto, só o prolongamento das investigações arqueológicas em área, se poderá identificar e compreender com segurança as distintas ocupações que este espaço teve ao longo do tempo.

### 3. Hospedaria Beira Rio

Os trabalhos de escavação arqueológica de campo tiveram início a 13 de Junho e terminaram em 9 de Novembro de 2005, tendo-se procedido a uma intervenção em área e em profundidade das zonas a serem afectadas pela obra de construção do novo edifício. O objectivo central era a identificação da existência de vestígios arqueológicos, bem como a sua datação e compreensão, e a salvaguarda documental dos mesmos.

Dada a natureza do terreno, na zona deste quintal, depreendia-se uma forte densidade de terras, em parte devido à dimensão das árvores aí existentes, nomeadamente oliveiras e laranjeiras. Esta análise topográfica era também corroborada pelo conhecimento que dispúnhamos da *Cerca da Arrochela*, local próximo e anteriormente alvo de trabalhos arqueológicos.

A escavação identificou uma sequência estratigráfica que traduz o abandono do local como área residencial, e a utilização deste sítio como local de despejos e posteriormente como quintal e zona de cultivo agrícola.

Quando se procedeu ao início da decapagem manual, uma das primeiras estruturas a aflorar foi um muro de alvenaria de pedra do qual foi feito o registo gráfico e fotográfico. Esta estrutura de pedra solta estava associada a materiais cerâmicos do período moderno. Dado que só possuía face para o lado nascente, infere-se que tenha sido uma estrutura de contenção de terras.

Depois do desmonte desta estrutura, foi feita uma decapagem em profundidade, tendo sido atingidas estruturas pertencentes a três casas do período islâmico (fig. 7 e 8). Entre duas das casas foi posta a descoberto uma rua pavimentada com terra batida. Depois de identificado o nível de pavimentação e a sua direcção (nascente-poente), foi feita a escavação em profundidade, onde foi encontrada uma canalização que escorria as águas pluviais no sentido nascente, e duas fossas detriticas que recebiam, respectivamente, os dejectos das casas vizinhas.

Estamos em presença de casas que obedecem a uma tipologia bem conhecida no mundo mediterrânico: a casa de pátio

central, em que todos os compartimentos estão virados para este espaço e comunicam com ele.

A nível das técnicas construtivas, tudo leva a crer que se tratavam de construções em taipa e que possuíam um embasamento em alvenaria de pedra (conservado), e cujos telhados seriam com cobertura de telha de meia cana. Inevitavelmente, a taipa não se conservou arqueologicamente, apenas inferimos da sua existência a nível dos derrubes e das camadas de cal que constituem o seu revestimento.

Nos locais onde a escavação se realizou em profundidade, atingiram-se os níveis dos derrubes dos telhados e as estruturas de época romana. Contudo, dados os desenvolvimentos dos trabalhos arqueológicos, estas construções com muros argamassados não possuem, ainda, uma leitura de conjunto nem uma interpretação funcional.

Merece um especial realce a pedra de soleira que marca a entrada no salão da casa 1. Esta pedra possui gravadas quatro cruces potentadas, o que mostra inequivocamente uma cristianização do espaço. Esta nova situação permitir-nos-á futuramente, uma análise detalhada dos materiais no sentido de perceber a religiosidade dos habitantes deste bairro, que seriam possivelmente moçarabes. A confirmar-se esta hipótese, é a primeira vez que se prova arqueologicamente tal facto em estruturas habitacionais. Por outro lado, é de destacar a qualidade do espólio arqueológico, tanto a nível dos objectos metálicos como dos objectos cerâmicos. De referir, ainda, o grau de preservação da casa n.º 1, uma das melhores conservadas e que apresenta um elevado requinte construtivo, de onde foram exumados estuques com restos de pintura.

Numa primeira análise das estruturas e materiais identificados podemos inferir a existência de uma ocupação ininterrupta do local desde o período romano até ao século XII. Embora apenas pontualmente, foram detectados estruturas e materiais do século XVII-XVIII.

Após a escavação é possível inferir a existência de três casas islâmicas e de alguns compartimentos de incompleta leitura que pertenceriam ao bairro existente neste local. Este conjunto de dados fazem deste local um bairro importante e detentor de poder económico no período islâmico.

A nosso ver, além de poder haver no futuro edifício uma referência visual a parte das estruturas arqueológicas, não seria descabido prever também um espaço de memória para expor os artefactos arqueológicos do sítio e as sucessivas fases de ocupação (dada a diversidade e a qualidade do espólio arqueológico encontrado no decurso da escavação). Estas sugestões estão a ser estudadas em conjunto com os arquitectos autores do projecto do edifício e pelo proprietário. Saliente-se que, dada a função do novo imóvel, ser ligada ao turismo, não parece de todo descabido sugerir-se a existência de um pequeno espaço museológico, preservando, pelo menos, a casa identificada como moçarabe, que pode ser um elemento extremamente valorizador para o investimento que está a ser realizado.

## 4. Cine Teatro Marques Duque

No último quartel do século XIX, já Estácio da Veiga tinha identificado vestígios arqueológicos importantes nas proximidades da Igreja de Santo António dos Pescadores, que mais tarde veio a ser substituída pelo Cine-Teatro Marques Duque. Nas suas *“Memórias das Antiguidades de Mértola”*, refere o achado de sepulturas paleocristãs numa vala aberta no lado Oeste da *“Estrada Real”*, que podemos identificar com a actual Rua Dr. Afonso Costa.

Inicialmente localiza um conjunto de lápides funerárias que o levaram a iniciar uma breve sondagem. A mais antiga das lápidas provenientes deste espaço corresponde ao epitáfio de Orania, morta o 13 de Novembro de 473 (Veiga, 1983: 101-103; Dias, 1993: 118). Uma outra lápide suportava uma epígrafe incompleta que apenas identifica a idade e a data da morte da falecida em 31 de Janeiro 518 (Veiga, 1983: 108-109). A última das lápidas contém uma epígrafe em caracteres gregos dedicado à memória de Zozimo filho de Polynios (Veiga, 1983: 117-118; Vives, 1969: 141-142).

Acicatado por estes achados, empreende ele próprio um *“limitado reconhecimento (...) junto à valleta da estrada, quasi em frente da ermida de Santo António”* (Veiga, 1983: 119). Encontrou seis sepulturas, mas apenas descreve quatro, duas das quais parcialmente destruídas e duas intactas, algumas escavadas parcialmente no substrato rochoso e revestidas numa estrutura argamassada. Nas duas sepulturas intactas, descreve, numa delas, *“uma cobertura logitudinal de alvenaria, ligeiramente convexa”*, e, na outra, uma *“cobertura de alvenaria á similhaça de abobada um tanto abatida. Continha os ossos de uma pessoa adulta já muito deteriorados, e aos pés uma defeza de cabra, parecendo intencionalmente ali collocada como objecto de superstição”* (Veiga, 1983: 120). A última das sepulturas escavada por Estácio tinha uma orientação NNE – SSO, quase perpendicular às anteriores. *“Não tinha revestimento interno nem cobertura de alvenaria. Os poucos ossos que encerrava, estavam pela maior parte apodrecidos”* (Veiga, 1983: 121).

*“Acima d’estas sepulturas notei vestígios de paredes antigas e um tanque com revestimento interno de cimento romano, medindo 2<sup>m</sup>,32 de comprimento, 1<sup>m</sup>,01 de largura e 0<sup>m</sup>,69 de fundura, estando porém superiormente cortado. Seria talvez uma piscina de banho pertencente a um domicilio particular, e anterior, certamente, ao tempo dos enterramentos”* (Veiga, 1983: 121). No que diz respeito à interpretação da estrutura revestida de argamassa, em outras áreas da vila de Mértola foram encontrados tanques de tipo *cetarea*, que confirmariam as primeiras impressões insinuadas por Estácio. No entanto, Santiago Macias tem sugerido tratar-se dum baptistério (Macias, 1993: 39).

Entre 2001 e 2005 foram efectuadas, pelo Campo Arqueológico de Mértola, várias intervenções arqueológicas nesta zona actualmente ocupada pelo Cine-Teatro Marques Duque. As escavações documentaram uma sequência estratigráfica mais complexa do que a referenciada por Estácio. Em termos gerais, as escavações revelaram parte dos alicer-

ces da ermida de Santo António dos Pescadores, estruturas dum arrabalde islâmico dos séculos X-XII e 34 sepulturas paleocristãs.

### 4.1. A igreja setecentista

A igreja de Santo António dos Pescadores, que Estácio da Veiga ainda conheceu, tinha sido fundada em ano incerto da centúria de Seiscentos. Aparentemente, tratava-se de uma pequena igreja de uma nave, com a capela-mor rebaixada e pouco saliente e a fachada voltada para a estrada (Boiça, 1998: 61). Certamente não devia ser um monumento que se destacasse pela sua qualidade artística, mas não inspirou a Estácio da Veiga qualquer comentário para além de servir de ponto de referencia para o cemitério paleocristão. Em 1917 foi destruída para a construção do Teatro Marques Duque. (Boiça, 1998: 61).

As escavações do Campo Arqueológico de Mértola apenas localizaram parte dos alicerces da igreja, que seguem a mesma orientação do Cine-Teatro, e alguns pavimentos associados a esses muros.

### 4.2. O arrabalde islâmico

Estácio da Veiga não fez qualquer referência, nas suas *“Memórias”*, à existência de estruturas islâmicas nesta área da vila. As estruturas encontradas *“acima”* das sepulturas são identificadas por ele como romanas e, pela descrição, poderia parecer inadequado atribuir o tanque revestido de argamassa ao período islâmico. No entanto, a documentação de estruturas islâmicas na Cerca da Arrochela, permitia colocar a hipótese da existência de um arrabalde islâmico em toda esta área ribeirinha, como efectivamente se veio a verificar em escavação do Campo Arqueológico de Mértola.

Não é possível obter uma leitura completa das estruturas encontradas, mas podemos afirmar que a maior parte dos muros pertence a uma casa da qual apenas é visível o seu extremo ocidental, composto por um átrio estreito, um pátio de grandes dimensões, e um terceiro compartimento situado junto ao átrio onde foi possível documentar dois níveis de ocupação (fig. 9). Mais a Sul, foi posta a descoberto uma rua que daria serventia a esta e a uma segunda casa da qual apenas conhecemos a fachada norte (fig. 10).

Pese a dificuldades de interpretação (derivadas das características da intervenção, limitada aos condicionamentos da obra, e duma estratigrafia complexa, alterada pelas construções modernas e contemporâneas), é possível reconhecer um certo planeamento urbano, com ruas bem estruturadas e sistemas de canalização e de esgoto desenvolvidos. Ainda é difícil estabelecer interpretações fiáveis sobre a funcionalidade de todas estas estruturas, mas alguns indícios levamos a pensar que esta zona poderia não ser apenas uma zona habitacional. A presença, em toda a área, de escórias de vidro sugere a possibilidade de tratar-se de um arrabalde

onde se desenvolveriam, também, actividades de carácter industrial, talvez o fabrico de vidro.

### 4.3. A necrópole paleocristã

Na escavação do Cine-Teatro Marques Duque, foi possível confirmar a existência da necrópole paleocristã, tal como já tinha sido referida por Estácio da Veiga em finais do século XIX. Algumas sepulturas encontravam-se a pouca profundidade e, por este motivo, foram destruídas na sua maior parte já em época islâmica. Nalguns casos constatamos outras destruições: no século XVII devido à construção da Igreja de Santo António, e no século XX pela do Cine-Teatro e de diferentes infra-estruturas urbanas. No entanto, foi possível reunir um conjunto importante de dados.

Esta necrópole era densa e bem organizada (fig. 11). No total, foram identificadas 34 sepulturas, quase todas escavadas no afloramento rochoso de xisto, e grande parte delas delimitadas, por estruturas de pedra e argamassa de cal, ocasionalmente também compostas de tijolos e *tegulae*. Seguiam quase todas uma orientação aproximada Este-Oeste, alinhavam-se segundo eixos ortogonais bem definidos, separadas por espaços reduzidos e regulares, por vezes, apenas por um estreito murete (fig. 12).

Apenas uma sepultura tinha uma orientação sensivelmente diferente (NO-SE). Estava parcialmente remexida e continha o esqueleto dum indivíduo jovem. Das restantes sepulturas, apenas vinte e duas conservavam ainda ossos humanos *in situ*, e só uma estava selada por uma cobertura de lajes de xisto e com o esqueleto praticamente completo e em bom estado de conservação. Uma outra sepultura, que estaria também selada, foi identificada mas não foi aberta por se encontrar debaixo de estruturas islâmicas que não chegaram a ser afectadas pelas obras do Cine-Teatro.

Os restos ósseos, por regra, eram depositados em decúbito dorsal com os braços colocados ao longo do corpo ou sobre o púbis. Não foi encontrado qualquer espólio funerário associado.

Pontualmente, foi possível localizar vestígios dum pavimento argamassado que cobriria o espaço funerário. É de destacar a presença duma marca deixada pela lápide sepulcral duma sepultura num destes fragmentos de pavimento. Trata-se dum tipo de *opus* semelhante ao encontrado, *in situ*, na Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo cobrindo as sepulturas encontradas no interior do recinto sagrado. Isto poderá significar que estas sepulturas se encontravam igualmente no interior de um edifício do qual não é possível actualmente identificar qualquer estrutura.

Ficou inequivocamente atestada uma ocupação humana, nas áreas a Norte das muralhas da vila, junto à saída para Beja, que vai desde o século I d. C. até ao século XIII-XIV, quer pelas estruturas detectadas, quer pelo espólio arqueológico posto a descoberto. A nível da topografia infere-se a existência de plataformas a distintas cotas dispostas em socalcos onde se implantavam quer as estruturas fabris (tanques e forno), quer a necrópole paleocristã, quer as estruturas habitacionais, estas maioritariamente pertencentes ao período medieval. Estes vestígios vêem reforçar a ideia de que houve uma intensa ocupação desta área da vila, trazendo novos contributos para a percepção da topografia histórica do arrabalde antigo da vila de Mértola.

### Bibliografia

- BOIÇA, J. M. F. (1998) – *Imaginária de Mértola, tempos, espaços, representações*, Mértola. Campo Arqueológico de Mértola.
- BOIÇA, J.M.F. e Barros, M.F.R. (1995) – *As Terras As Serras Os Rios. As memórias paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola*, Coleção Estudos e fontes para a História Local, nº 1. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- DIAS, M.A., 1993 – «Epigrafia». In *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 102-138.
- FERREIRA, F. B. 1965 – «Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola», *Revista de Guimarães*, LXXV, pp. 59-72.
- LOPES, V. 1993 – «Materiais arqueológicos». In *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 66-101.
- LOPES, V. (2003) – *Mértola na antiguidade tardia*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIAS, S. 1993 – «Um espaço funerário», *Museu de Mértola. Basílica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 30-62.
- TORRES C., e Silva, L. (1989) – *Mértola Vila Museu*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, C. Macias, S., (Coordenadores) (1993) – *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- VEIGA, S. Ph. Estácio da, (1983) – *Memórias das Antiguidades de Mértola*. Edição *fac-similada* de 1880. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Câmara Municipal de Mértola.
- VIVES, José (1969) – *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, Barcelona.

## 5. Conclusões

Estas intervenções de emergência trouxeram significativos dados para a compreensão da topografia histórica de Mértola durante Antiguidade Clássica e a Idade Média.



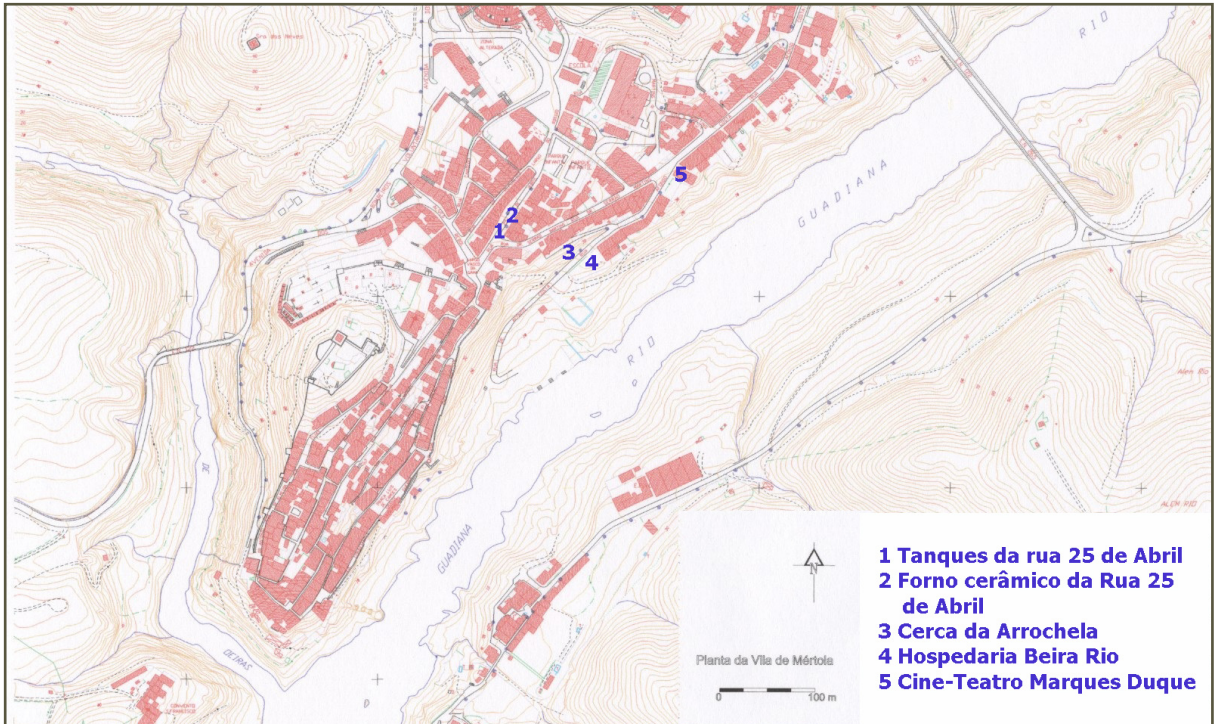


Fig. 1 - Planta geral de Mértola com as intervenções arqueológicas objecto de análise.



Fig. 2. Escavação dos tanques da Rua 25 de Abril.

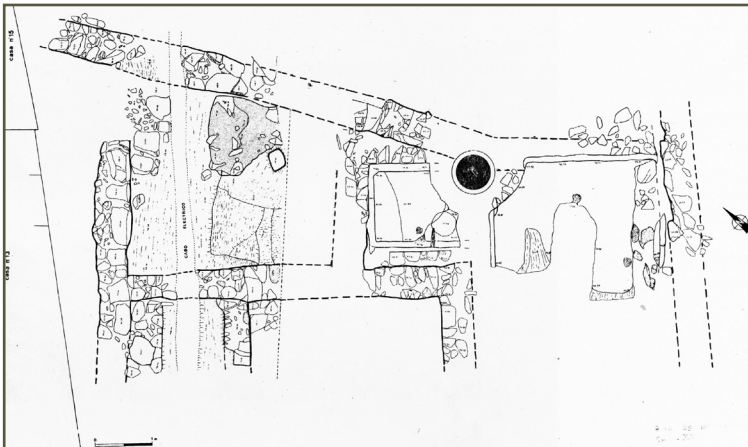


Fig. 3 - Planta geral dos tanques e das estruturas anexas



Fig. 4 - Vestígios do forno da rua 25 de Abril com a última camada de utilização.



Fig. 5 - Fragmentos da estrutura do forno.

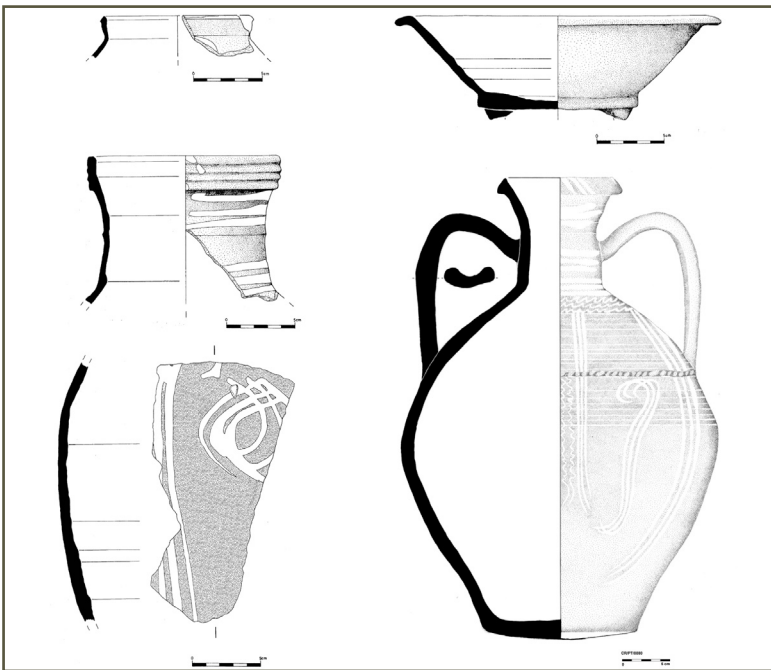


Fig. 6 - Materiais cerâmicos encontrados no forno. O cântaro completo foi encontrado na Alcáçova do Castelo de Mértola, mas corresponde, certamente, ao tipo de peças fabricadas no forno.

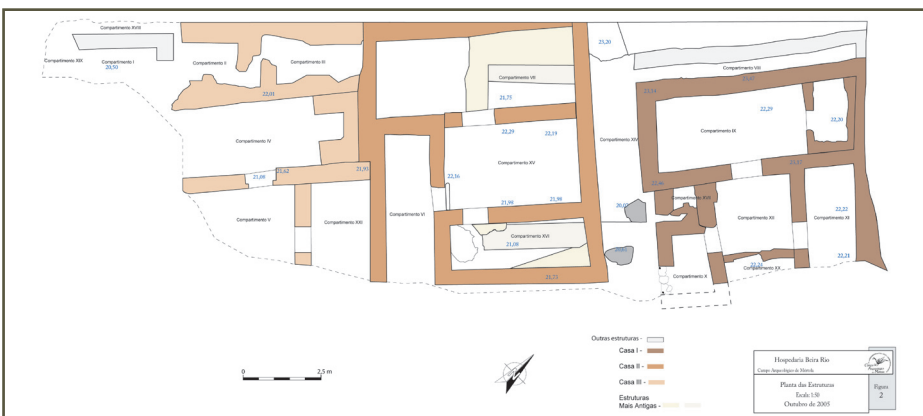


Fig. 7 - Hospedaria Beira Rio. Planta geral.





Fig. 8 - Vista geral das escavações na Hospedaria Beira Rio.

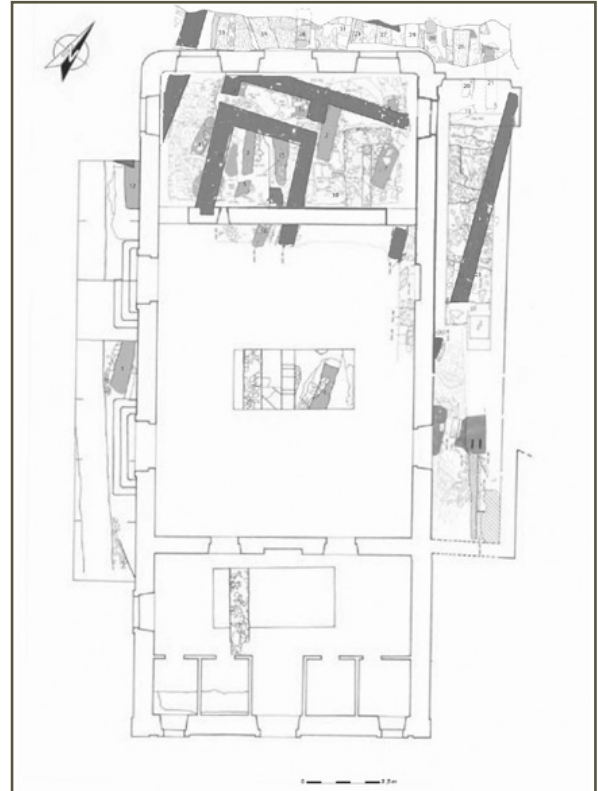


Fig. 9 - Estruturas islâmicas encontradas nas escavações do Cine-Teatro Marques Duque.



Fig. 10 - Estruturas de época islâmica sobrepostas a enterramentos paleocristãos nas escavações do Cine-Teatro Marques Duque.

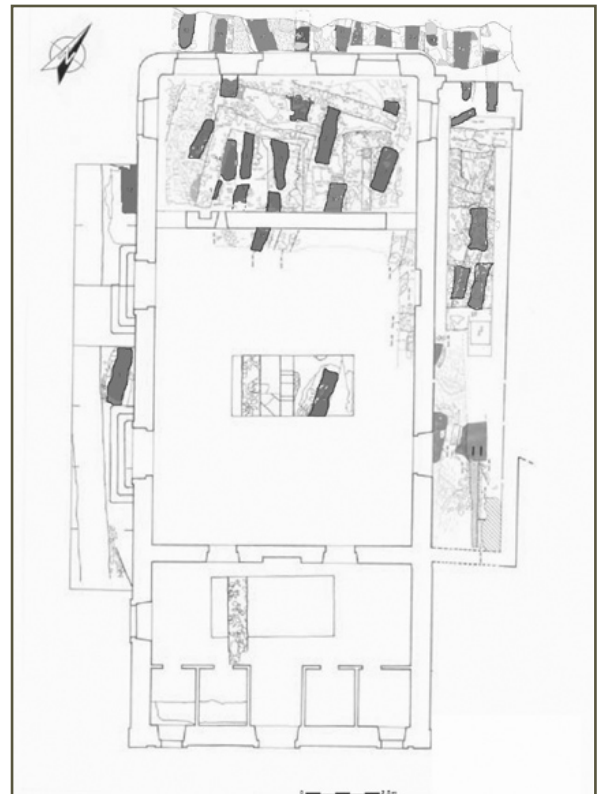


Fig. 11 - Planta dos enterramentos paleocristãos do Cine-Teatro Marques Duque.



Fig. 12 - Sepulturas paleocristãs escavadas junto da fachada do Cine-Teatro Marques Duque.